

**AÇÕES EDUCATIVAS ACESSÍVEIS NO MUSEU DA VIDA: UM ENCONTRO
ENTRE ARTE E CIÊNCIA**

**EDUCATIONAL ACTIONS ACCESSIBLE IN THE MUSEUM OF LIFE: A
MEETING BETWEEN ART AND SCIENCE**

Hilda Gomes¹, Bianca Reis¹

¹Museu da Vida/Fiocruz/ hilda.gomes@fiocruz.br

¹Museu da Vida/Fiocruz/ bianca.reis@fiocruz.br

RESUMO

O Museu da Vida é um espaço não formal de educação situado no campus da Fiocruz em Manguinhos/RJ. Dispõe de áreas expositivas que tratam de temáticas relacionadas a ciência, história, arte e saúde. Uma das áreas, denominada, Ciência em Cena propõe um encontro entre arte e ciência por meio de espetáculos teatrais, esquetes e oficinas. Relatamos a proposta de uma ação educativa acessível que pretendeu potencializar as relações entre arte e ciência para público surdo no MV com a esquete “Conferência Sinistra” em LIBRAS. O desafio foi torná-la acessível para os trabalhadores surdos da Fiocruz e, a posteriori, para visitantes surdos. Foi uma experiência significativa para os profissionais envolvidos e trabalhadores surdos, pois envolveu uma troca de saberes e aprendizados que nos apontou avanços no que diz respeito à acessibilidade, a necessidade de elaboração de mais atividades acessíveis, além de novos desafios a serem superados.

Palavras-chave: Educação não formal. Arte e ciência. Educação em Saúde. Acessibilidade.

ABSTRACT

The Museu da Vida it is a non formal educational space placed at Fiocruz campus in Manguinhos/RJ. Has some expository areas that treat some theme related to science, history, arts and health. One of teh areas, known as Ciência em Cena, proposes a meeting between arts and science by theatrical show, skits and workshops. We related the proposal of an accessible educational action that meant to potentialize the relations between the arts and science to the deaf people at the Museu da Vida with the skit "Conferência Snistra" in Brazilian Sign Language. The challenge was to become accessible to the deaf workers of Fiocruz and, a posteriori, to the deaf visitors. It was a significant experience to the involved professionals and deaf workers because it involved a change of knowns and learnings that pointed out some advances about the accessibility, the needs to elaborate more accessible activities, beyond new challenges to be surpassed.

Key Words - Non formal education. Arts and Science. Health Education. Accessibility.

A educação é um dos campos de fundamental importância para o enfrentamento das iniquidades sociais, isso porque permite que os indivíduos e grupos se insiram na

dinâmica societária e no fluxo da cultura humana. Esse patrimônio cultural acumulado e

constituído ao longo de gerações implica em conhecimentos, competências, valores, simbologias, instrumentos, linguagens características, articula pessoas e instituições e é a expressão de uma comunidade humana particular no meio social (FORQUIN, 1993).

A educação parte de uma concepção problematizadora, na qual o conhecimento resultante é crítico e reflexivo. É um ato político que exige comprovados saberes em seu processo (FREIRE, 1997). De acordo com esse processo, a ação cultural coletiva se faz presente e implica em entender que a cultura não termina nas fronteiras da tribo, da cidade ou da nação. Neste contexto, as ações educativas e culturais estão necessariamente associadas à discussão de questões éticas, políticas e sociais.

Diante da crescente complexidade da sociedade, outros espaços de natureza educativa, além da escola, como os museus, estão presentes na difusão de diferentes saberes. Considera-se o museu como espaço privilegiado para a articulação dos aspectos afetivos, cognitivos, sensoriais e de trocas simbólicas. Segundo o International Council of Museums/ICOM (2007):

[...] é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e seu ambiente para fins de estudo, educação e deleite da sociedade.

Esta abrangência em sua função social e educativa tem como objetivos centrais a autonomia, a emancipação das pessoas e a valorização da diversidade cultural. Vivemos num mosaico de múltiplas cenografias, ambientes, linguagens e realidades que nos colocam como desafios os elementos contraditórios que se materializam no nosso cotidiano como dificuldades retrocessos, avanços e conquistas.

Neste sentido, devemos entender a educação como um ato de intervenção no mundo e esta deve estar a serviço das transformações sociais. Freire (1998) nos lembra que: “[...] prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. [...]” enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica.

O artigo 5º da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência descreve:

“Os Estados reconhecem que todas as pessoas são iguais perante e sob a lei e que fazem jus, sem qualquer discriminação, a igual proteção e igual benefício da lei.”

Segundo o relatório mundial sobre deficiência elaborado pela OMS e pelo Banco Mundial, mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo possui algum tipo de deficiência (OMS, 2005). Este conceito mudou de uma perspectiva individual e médica enfatizando a dependência do indivíduo considerando-o incapaz; para uma perspectiva estrutural e social, atribuindo as desvantagens individuais e coletivas à incapacidade de reestruturação da sociedade (AMIRALIAN et al, 2000).

Sob esse prisma, a mesma autora comenta que o ambiente social tem grande impacto sobre a experiência e a extensão da deficiência, pois ambientes inacessíveis criam deficiência ao criarem barreiras à participação e inclusão. As barreiras impedem o acesso e não proporcionam sentimento de pertencimento ou identidade não assegurando a apropriação dos bens culturais.

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) partindo da premissa do “Museus para todos” afirma a necessidade de tornar os museus acessíveis para todos os públicos entendendo que acessibilidade é prover acesso, possibilitar ao visitante a oportunidade de utilizar instalações e serviços, ver exposições, assistir conferências, investigar e estudar o acervo”¹.

A militância a favor da acessibilidade plena parte do reconhecimento de que no cotidiano ela não existe e que portanto, é preciso construí-la. Essa construção passa pela remoção de barreiras sensoriais, físicas ou cognitivas (CHAGAS E STORINO, 2012).

A partir destas constatações, podemos começar a aprofundar questões: Até que ponto os museus são para todos os públicos? A curadoria colaborativa é uma possibilidade para valorizar a diversidade cultural? Conseguimos desenvolver um trabalho educativo que dialogue com os movimentos sociais? É possível incentivar a criação de novos processos museais? Como potencializar a educação libertadora num cenário político-social tão controverso? Afinal de contas, precisamos de museus para quê? Na tentativa de responder a tantas indagações, precisamos de uma breve contextualização a partir de nosso lugar de fala.

¹ Proposta apresentada pela Rede de Educadores de Museus (REM) em reuniões com representantes de museus para a elaboração da Política Nacional de Educação Museal (2015)

DESAFIO: OPORTUNIZAR E PROMOVER ACESSIBILIDADE

A Fundação Oswaldo Cruz, é uma instituição pública que contribui para a saúde da população brasileira em diferentes dimensões, como a científica, social, política, tecnológica, cultural e educacional. Como instituição estratégica de Estado na área da saúde deve colaborar na formulação de políticas públicas que valorizem os caminhos trilhados pelos movimentos de emancipação crítica das pessoas com deficiência, entendendo este como um processo de construção histórico-social.

Esta atitude respeita o lema “Nada sobre nós sem nós” (BRASIL, 2010,p.19) internacionalmente adotado na reivindicação de direitos. Indo em direção a maior atuação no campo da acessibilidade, a Fiocruz têm realizado várias intervenções para potencializar resultados que garantam maior acesso, como instalação de rampas, elevadores, garantia de vagas para pessoas com deficiência em concurso público, cursos técnicos, pós-graduação, contratação de intérpretes de LIBRAS, vínculo empregatício para 100 trabalhadores surdos em funções administrativas e de serviços gerais.

A partir de maio de 2017, o lançamento do Comitê Fiocruz de Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência busca formular uma política institucional que formalize a inserção destas pessoas na instituição.

A experiência que descrevemos a seguir foi realizada no Museu da Vida (MV), espaço não formal de educação da Fiocruz que tem em sua missão, a popularização da ciência por meio de aparatos interativos, atividades educativas, objetos museológicos e exposições. Nossa missão nos provoca e o desafio surge: como tornar o MV acessível para os trabalhadores surdos?

A partir da compreensão de que a cultura representa não só criação artística ou de entretenimento, mas um campo de realização humana, pensamos em possibilitar um encontro entre arte e ciência com o público surdo.

A combinação entre arte e ciência mostra-se fundamental para a construção de visões de mundo mais amplas, críticas, criadoras e, portanto mais cidadãs. Entendendo a busca pela acessibilidade como ação que pretende num sentido mais amplo superar as barreiras que tratam dos aspectos físicos, de mobilidade e arquitetônicos quanto aspectos intelectuais, informacionais e emocionais, é indispensável criar condições para que as pessoas com deficiência possam usufruir dos acervos e compreender as diversas narrativas expostas nos museus.

O MV possui cinco áreas expositivas e uma delas é o Ciência em Cena, onde é oferecida a esquete teatral “Conferência Sinistra” para público de faixa etária a partir de 12 anos. Baseada na charge de Raul Pederneiras² apresenta um panorama da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX. Num diálogo recheado de humor, três personagens representando as doenças (varíola, peste bubônica e febre amarela) que afetavam gravemente a população, conversam explorando questões políticas e de saúde pública na época de Oswaldo Cruz.

Num esforço coletivo, um grupo foi formado³ e iniciou-se um estudo a fim de tornar acessível a esquete e oferecê-la para os trabalhadores surdos da Fiocruz. O estudo definiu ser fundamental que os intérpretes de LIBRAS se apropriassem do texto e compreendessem a narrativa e estética cênica. Esta ação daria uma maior credibilidade e realidade àquela experiência, pois não seria apenas uma tradução literal e sim, uma interpretação do diálogo e interação sincronizada entre os personagens que representavam as três doenças.

Segundo Rumjanek (2011) em termos educacionais, não só no Brasil, o surdo encontra-se defasado em comparação com o ouvinte, e a cultura científica possui muita abstração. Por isso, nosso objetivo foi de aumentar o interesse e a compreensão sobre questões que envolvem a ciência e sua relação com a sociedade. Após a leitura do texto, foi apontada a necessidade de que nessa nova abordagem, três intérpretes deveriam estar posicionados atrás e acima de cada personagem para que os surdos, pudessem observar a cena sem perder a riqueza do figurino e expressão facial dos atores, mas também tivessem a visualização integral dos intérpretes. Ensaios foram feitos, durante um mês para garantir a harmonia do texto com a LIBRAS.

A cenografia foi adaptada para iluminar as mãos dos intérpretes, assim como o figurino definido (calça e blusa preta) para não dispersar a atenção. Ao final da apresentação o grupo é convidado a ir a um outro ambiente no qual são exibidas charges da época de Oswaldo Cruz, imagens de poluição e seu impacto no cotidiano do ser humano. Ao final da exibição, o público é convidado a conversar em pequenos grupos e expressar graficamente uma proposta de charge que posteriormente seria apresentada a todos e servir de mote para o debate.

² Raul Pederneiras (1874/1953) foi um caricaturista, ilustrador, pintor, professor, teatrólogo e compositor brasileiro.

³ Grupo de trabalho formado por educadores do Museu da Vida e educadoras do Projeto Social de Inserção da Pessoa Surda no Mercado de Trabalho Fiocruz / CVI-Rio.

Essa atividade foi realizada em dezembro de 2016 e oferecida para 20 surdos. Avaliada por eles, como “emocionante, engraçado, divertido, importante para entender sobre ciência e saúde, respeito com LIBRAS e oportunidade de visitar o museu numa atividade especialmente feita para eles”. Este resultado foi significativo e apontou para a inclusão dessa atividade na grade de atividades acessíveis e permanentes do Museu da Vida.

Também nos coloca diante de novas perspectivas e nos move na direção de outros caminhos que devem ser trilhados pelos museus, a fim de não só promover o acesso, mas também, gerar a tomada de consciência para intervenção na realidade.

Retomando a pergunta “museus para quê”? Podemos responder que servem para engajar, ativar, reabilitar, dialogar, revitalizar, inventar, integrar, divertir, encantar, conhecer, transformar e incluir.⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que ações como esta valorizam a diversidade cultural e se propõem também a dialogar de maneira mais efetiva com movimentos sociais. Estas ações se pautam na atenção que os museus devem dar às diferentes particularidades e especificidades de públicos, como: infantil, idosos, LGBT, população de territórios socialmente vulnerabilizados e pessoas com deficiência física, intelectual, auditiva e visual. Intervenções físicas e ações educativas acessíveis são essenciais, e é necessário construir espaços de interlocução entre profissionais, oportunizando compartilhamento de experiências e investindo na formação de equipes assim como, no fortalecimento de uma rede de acessibilidade em museus.

Criar novos processos museais que potencializem uma educação libertadora e crítica nos dão subsídios para enfrentar e modificar o cenário controverso no qual estamos inseridos. Museus podem e devem ser fórum de discussões sobre essas e outras questões que afetam a todos os cidadãos de todas as classes, etnias, complexidades, especificidades e gêneros. Afinal de contas, não é para isso também que servem os museus?

⁴ Conferência Internacional “Museus para quê?”. Museu do Amanhã, RJ, 22 e 23/11/16.

REFERÊNCIAS

- AMIRALIAN, M. L.T et al. Conceituando deficiência. **Revista de Saúde Pública**, [online] v.34, n.1, p.97-103, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102000000100017&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 31 ago. 2017.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. **Política Nacional de Educação Museal - PNEM**. 2017.
Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Documento-Final-PNEM1.pdf>> Acesso em 31 ago. 2017.
- CHAGAS, M.; STORINO, C. Prefácio. In: COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane; BRASILEIRO, Alice (org.). **O desafio da acessibilidade em museus**. Brasília: MinC/IBRAM, 2013.
- FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.
- _____. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- ICOM. International Council of Museums of Portugal. **Website**. Disponível em: <http://icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx> Acesso em: 31 ago. 2017.
- LANNA JÚNIOR, M. C. M. (Comp.). **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. Disponível em: <http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/publicacoesdeficiente/historia_2_movimentopoliticopcdbrasil.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2017.
- OMS. **Relatório mundial sobre a deficiência** / World Health Organization, The World Bank ; tradução Lexicus Serviços Linguísticos. - São Paulo : SEDPcD, 2012.
Disponível em: < http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/RELATORIO_MUNDIAL_COMPLETO.pdf > Acesso em: 31 ago. 2017.
- RUMJANEK, V. **Novos sinais para a Ciência**. 2011. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós graduação em Química Biológica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2011.
- SANTOS, B. M. **Nada sobre nós, sem nós: a participação como fundamento nas políticas públicas para pessoas com deficiência**. [online]. 2011. Disponível em: < <https://jus.com.br/artigos/18867/nada-sobre-nos-sem-nos-a-participacao-como-fundamento-nas-politicas-publicas-para-pessoas-com-deficiencia>> Acesso em: 31 ago. 2017.